

O BEIJO NO ASFALTO DE NELSON RODRIGUES E AS RELAÇÕES DE FAMÍLIA NA SOCIEDADE

Marco Aurélio Gonçalves de Lima¹

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da família e das relações de gênero na peça O Beijo no Asfalto (1961), de Nelson Rodrigues, a partir da crítica à família nuclear desenvolvida por Friedrich Engels em A origem da família, da propriedade privada e do Estado (1884). Contextualiza-se a formação familiar brasileira sob influência do patriarcalismo ibérico e do personalismo, conforme Sérgio Buarque de Holanda, estabelecendo paralelos com a noção de família como instituição vinculada à propriedade privada e à transmissão de herança. A análise demonstra que, na obra, a família não se sustenta pelo afeto, mas pela manutenção de aparências que servem a uma ordem patriarcal.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. O Beijo no Asfalto. Família nuclear. Friedrich Engels. Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

Ao avaliarmos a produção cultural brasileira uma figura e suas obras possuem destaque na quantidade de adaptações e releituras de suas obras, Nelson Rodrigues. Dramaturgo, nascido na cidade de Recife em 1912, Nelson Falcão Rodrigues enfrentou durante sua carreira duras críticas e polêmicas envolvendo suas peças e crônicas de jornal, entre seus sucessos estão as obras “Vestido de Noiva” de 1943 obra onde a personagem principal Alaíde transita entre diferentes planos psicológicos após um acidente que causou seu atropelamento e a peça virá a ser explorada durante o desenvolvimento do trabalho, a peça “O Beijo No Asfalto” de 1961 trata a história de Arandir, homem que após beijar um homem atropelado a beira da morte é perseguido e “difamado” na cidade do Rio de Janeiro.

Nelson Rodrigues é também conhecido por suas crônicas publicadas no jornal Última Hora entre 1951 e 1961 com título “A vida como ela é...” onde tratava de relações extraconjugais, tidas como absurdas e, de forma substancial, criticava enormemente a índole das mulheres presentes na história (Zechlinski, 2007).

Durante o corpus do trabalho estarão relacionadas às relações de formação de família e de relações de gênero vistas na obra de 1961, demonstrando os impactos da formação das padronizações de “modelo familiar”.

¹Aluno do 1o Técnico em Teatro Subsequente – Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob orientação da professora Eliana Maria dos Santos

1. ENGELS E A “FAMÍLIA NUCLEAR”

Ao avaliarmos historicamente a constituição familiar ocidental devemos considerar a base da instituição conhecida como “família”, no caso brasileiro, essa base vem da cultura 1 europeia (como levantado por Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil” de 1936) patriarcal e baseada no “personalismo” (a constituição de uma cordialidade e da formação de “homens cordiais”, homens guiados não somente pela razão mas também pelo sentimento) semelhante a cultura portuguesa. Essa origem dos centros familiares também é debatida em “A origem da família, da propriedade privada, e do Estado” obra de Friedrich Engels de 1884, inaugurando o termo “família nuclear”, onde é descrita a formação ao redor de um núcleo central patriarcal e o estabelecimento de uniões monogâmicas como exemplares e necessárias, que surgem com o início da propriedade privada e do direito de passagem de “herança” onde a burguesia utilizou desse artifício para que houvesse a passagem de riqueza perante as gerações, garantindo a dominação de uma classe sobre outra.

Essa relação também é criticada por Engels ao demonstrar a opressão feminina no sistema (onde numa formação de Pai, Mãe e filhos a figura feminina é duplamente questionada de forma moral que critica o adultério feminino e a prostituição).

2. FAMÍLIA E O BEIJO

A peça está localizada temporal e localmente, na cidade do Rio de Janeiro de 1961 e retrata principalmente as hipocrisias que cercavam a sociedade da época e como trabalhado por Engels, a família deixa de ser um refúgio afetivo e torna-se um produto de controle social que, com papéis de gênero definidos pela classe dominante, exclui e demoniza e reprime corpos. Na peça o ato demonizado que dá o “ponta pé” é um beijo dado por Arandir em um homem à beira da morte, suficiente para desestabilizar não somente a família, mas também a sociedade ao redor dos indivíduos.

Esse entendimento de relações hipócritas são tratadas de maneira destacada pela figura do personagem Aprígio, sogro de Arandir e um de seus principais acusadores durante o desenrolar da história. Aprígio representa um entendimento de “moral”, sendo apresentado como professor (figura de autoridade relacionada a educação e inserção social), mas que juntamente representa o maior sinal de contradição, já que replicando o ato Arandir, beija também um homem à beira da morte e, nesse caso, o corpo do próprio Arandir.

Embora se trate de uma representação artística, a obra apresenta tais relações sociais trabalhadas por Engels após suas observações e que, juntamente com as análises de Zechlinski, apresentam a temporalidade do autor. Nelson Rodrigues não deve ser tratado como alguém separado de seu tempo, formação e classe social. Mesmo tratando de temas ainda hoje debatidos, Nelson escreve sobre machismo imposto em um meio capitalista brasileiro e a homofobia de forma parcial, e datada.

CONCLUSÃO

A articulação entre a obra de Nelson Rodrigues e a teoria de Friedrich Engels revela que a crítica à família como instituição de controle social atravessa tanto o pensamento sociológico quanto a produção artística brasileira do século XX. Em *O Beijo no Asfalto*, a família não se sustenta pelo afeto, mas pela manutenção de aparências que servem a uma ordem patriarcal fundada na propriedade e na herança. A hipocrisia encarnada na figura de Aprígio, o moralista que esconde sua própria transgressão, expõe a contradição fundamental da "família nuclear": quanto mais rígida a fachada, maior a violência necessária. Ao relacionar criações de Nelson Rodrigues com o pensamento de Engels, percebe-se que a arte pode antecipar, traduzir ou tensionar debates teóricos, revelando que a "família tradicional", longe de ser um refúgio sagrado, é um território de disputa onde se definem a posse dos corpos, a transmissão de privilégios e a perpetuação de desigualdades.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Nelson. In: Acervo Memória Cultural. São Paulo: SESI-SP, 2026. Disponível em: <https://centrocultural.fiesp.com.br/memoria-cultural/biografia/3e4d7ff6-abab-4e6b-5938-08dd13a4c97c/nelson-rodrigues>. Acesso em: 31 de março de 2026.

RODRIGUES, Nelson. *O beijo no asfalto*. In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo: tragédias cariocas II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *A vida Como ela É...: "Imagens do Casamento e do amor em Nelson Rodrigues."* Cadernos PAGU, no. 29, 2007, p. 420